



FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA OS DESAFIOS DE
ENSINAR E APRENDER NA ESCOLA PÚBLICA.

Educação, Diversidade e Pertencimento

Eixo: Educação, Diversidade e Inclusão.

Subprojeto: Pedagogia- Educação do Campo, na perspectiva das relações étnico-raciais

Filiação institucional: Universidade Estadual de Feira de Santana

Autores: Marileide Pereira Evangelista¹ (marileideevangelista22@gmail.com); Dandara de Souza Daltro² (dandaradaltro9@gmail.com); Júlia Gabriela da Silva Lima Conceição³ (juliagabriella018@gmail.com); Lais Boaventura Lopes⁴ (laislopss141@gmail.com).

Palavras-chave: identidade, criança, Diversidade, Valorização, Representatividade

INTRODUÇÃO

O presente relato de experiência, desenvolvido pelas bolsistas do Programa Institucional de Bolsa Iniciação à Docência (PIBID), pretende apresentar as experiências relevantes no âmbito educacional, ações aplicadas durante o percurso, projeto em andamento e observações feitas pelas discentes. Neste relato, iremos abordar o primeiro eixo da proposta: Educação, diversidade e inclusão, questões sobre relações étnico-raciais, gênero, sexualidade, inclusão de estudantes com deficiências e necessidades educacionais específicas do campo, entre outras relacionadas à formação de uma educação equitativa. Além das questões observadas em sala de aula como bullying, racismo, falta de representatividade e pouco reconhecimento da própria identidade.

O tema foi escolhido a partir do contexto observado, o local da instituição de ensino e as necessidades de tratar sobre o assunto. O papel de ensinar é de extrema importância principalmente nos anos iniciais, dando suporte às etapas seguintes da vida escolar, pois representa o início de uma trajetória da criança. Sendo assim, torna-se imprescindível trabalhar as relações étnico-raciais nas instituições de ensino, além de ser um direito fundamental perante a Lei 10.639/2003 e 11.645/2008, que tornam obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira, africana e indígena, integrando esse conhecimento ao currículo escolar contribuindo para a construção da identidade, combate ao preconceito e formação cidadã, sendo assim, a criança aprende a reconhecer e valorizar sua autoestima, Nilma Lino Gomes (2012; 2019) destaca que a presença de referências positivas e de uma

abordagem pedagógica comprometida com a justiça racial é essencial para fortalecer o senso de pertencimento e a autoestima de crianças negras desde a educação infantil. A Teoria Racial Crítica e a Pedagogia Culturalmente Relevante, como discutidas por Gloria Ladson-Billings (apud. Gandin, Diniz-Pereira & Hypólito-2002), indicam que é preciso reconhecer o impacto das relações de poder e do racismo nas estruturas escolares, criando currículos que valorizem a cultura e a experiência dos estudantes negros.

Diante disso, este relato tem como objetivo evidenciar as problemáticas presentes na escola, como as falas dos alunos, posicionamentos das docentes perante estas situações, descrever as experiências, destacar os desafios existentes, apresentar as ações desenvolvidas voltadas para a diversidade e refletir sobre a importância da formação docente voltada para as relações étnico-raciais.

METODOLOGIA

As atividades deste relato foram desenvolvidas com base nas Leis nº 10.639/2003 e 11.645/2008, que tornam obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira, africana e indígena, promovendo desde os primeiros anos escolares o reconhecimento da diversidade e o fortalecimento da identidade étnico-racial. As intervenções foram realizadas na Escola Municipal Anacleto Alves de Souza, localizada no distrito de Humildes, em Feira de Santana-Bahia com a turma do 1º ano do Ensino Fundamental, composta por crianças de 6 e 7 anos, e mediadas pelas bolsistas do PIBID em parceria com a professora da turma. As principais ações incluíram rodas de conversa, para promover interação, reflexão sobre identidade e valorização da diversidade; dinâmicas, permitindo que as crianças se reconhecessem e identificassem suas características físicas e culturais; autorretratos e atividades artísticas, com o objetivo de consolidar o autoconhecimento e a valorização da estética negra; leituras e discussões de livros infantis com protagonistas negros, estimulando a identificação positiva e fortalecendo a autoestima. Essas atividades integraram aprendizado, diversão e reflexão, contribuindo para o fortalecimento do pertencimento, da autoestima e da consciência da diversidade étnico-racial no contexto escolar.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Ao observarmos a realidade da turma, identificamos a falta de reconhecimento da identidade negra, a ocorrência de bullying com motivação racial e a presença de um racismo inconsciente internalizado pelas crianças. Muitos alunos faziam comentários racistas, principalmente em forma de piadas, ao verem personagens ou imagens de pessoas negras em livros, desenhos ou entre os próprios colegas. Chamou atenção, especialmente entre as

meninas, a preferência pela estética branca, possivelmente influenciada pela mídia e pela baixa representatividade negra, demonstrando que não percebiam a beleza das características negras nem se identificavam com modelos positivos.

- Diante dessa situação, realizamos intervenções para promover reflexões sobre o racismo e fortalecer o pertencimento e a autoestima das crianças negras. Iniciamos com histórias infantis adaptadas e literaturas com protagonistas negros, além de conversas coletivas e elogios individuais voltados à valorização dos traços físicos e da cultura negra. Uma das primeiras atividades foi a leitura do livro *Meu Crespo é de Rainha*, de Bell Hooks. Durante a leitura, ouvimos comentários como: “Que cabelo é esse?”, “Esse aqui é você!”, “Não! Esse é você!” e “Deus é mais! Não sou eu, nada!”. Essas falas evidenciaram que as crianças não reconheciam a beleza das características negras nem se identificavam com os personagens. Também observamos piadas envolvendo cabelo e nariz, usadas como ofensas entre os colegas.

Após a leitura, promovemos uma roda de conversa para refletir sobre a história, trazendo comparações, nos colocando como referência, e questionando se os personagens se pareciam com alguém da turma. Aos poucos, as crianças começaram a perceber semelhanças entre elas e os personagens. Na semana seguinte, retornamos a história e ouvimos falas como: “Aquele história do menino com o cabelo que parece com o meu”, revelando mudanças no olhar das crianças. Algumas meninas até comentaram que queriam fazer penteados como os da personagem do livro.

Complementando as atividades, trouxemos imagens de diferentes tipos de cabelo e tons de pele, e as crianças começaram a identificar características semelhantes às suas, dizendo: “Esse cabelo parece com o meu!”. Por fim, realizamos uma atividade de autorretrato com ênfase nos cabelos, e já pudemos observar desenhos com cabelos crespos, cacheados, armados, black power e trançados, sinalizando o início de um processo de valorização da estética negra.

Além das atividades artísticas, promovemos momentos significativos que uniam aprendizado e diversão, utilizando brincadeiras de origem africana, como *Acompanha os Pés e Céu e Terra*, que envolvem movimento, ritmo e interação em grupo. Essas brincadeiras estimularam atenção, memória, coordenação motora e percepção, ao mesmo tempo em que fortalecia a identidade negra. Também realizamos a intervenção “Minha cor, minha beleza”, que iniciou com acolhida e conversa sobre o conceito de beleza, seguida da exibição do vídeo *O Black Power*, de Akin, e de uma roda de conversa sobre identidade, diversidade e representatividade. Em seguida, com a Dinâmica do Espelho da Beleza Negra, cada aluno destacou algo que gostava em si mesmo, promovendo autovalorização.

Dessa forma, buscamos criar um ambiente educativo que respeite e celebre a diversidade cultural, estimulando cada criança a compreender a importância de suas origens e a se enxergar como sujeito ativo na sociedade, com voz, história e identidade próprias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que valorizar a identidade negra e enfrentar o racismo na escola é essencial para o desenvolvimento integral das crianças e para o cumprimento das Leis nº 10.639/2003 e nº 11.645/2008, que tornam obrigatória a abordagem da história e cultura afro-brasileira, africana e indígena no currículo escolar.

Desde os primeiros anos, é fundamental promover reflexões que favoreçam o reconhecimento identitário, a valorização da diversidade étnico-racial e a apreciação da estética negra.

As ações de intervenção realizadas, com o apoio das professoras, evidenciaram avanços na autoestima, no senso de pertencimento e na convivência inclusiva entre as crianças.

Para consolidar esses resultados, é necessário um currículo dinâmico, que incorpore continuamente a temática étnico-racial, e uma formação docente continuada, capaz de oferecer subsídios teóricos e metodológicos para práticas pedagógicas efetivamente antirracistas.

Por fim, a articulação entre currículo e formação docente mostra-se indispensável para assegurar representatividade, fortalecer identidades e formar cidadãos críticos e conscientes. Como destaca Gomes (2003), cabe à escola assumir o papel de enfrentar o racismo e superar práticas que silenciam a diversidade cultural. Nesse processo, o PIBID se destaca ao integrar teoria e prática, possibilitando experiências formativas que tornam a atuação docente mais crítica, reflexiva e comprometida com a diversidade cultural brasileira.

REFERÊNCIAS

GANDIN, Luís Armando; DINIZ-PEREIRA, Júlio Emílio; HYPÓLITO, Álvaro Moreira. Para além de uma educação multicultural: teoria racial crítica, pedagogia culturalmente relevante e formação docente (entrevista com a professora Gloria Ladson-Billings) *Educação & Sociedade*, vol. 23, nº 79, p. 275-293, agosto de 2002.

GOMES, Nilma Lino. Educação, identidade negra e formação de professores: entre saberes e práticas. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. **GOMES, Nilma Lino.** Raça e educação infantil: à procura de justiça. *Revista e-Curriculum*, São Paulo, v. 17, n. 3, p. 1015–1044, set./dez. 2019.

GOMES, Nilma Lino. Educação, identidade negra e formação de professores. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 167-182, jan./jun. 2003.